

AMORES AMAROS

Álvaro Caretta

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

O tríptico

Quando Pedro entrou na capela, o som do órgão preenchia todo o ambiente. Fechou os olhos deixando-se envolver pela música. Ao abri-los, viu-a de costas. Estava admirando o novo quadro exposto ao lado do altar. Reconheceu-a pela fina silhueta de menina e pelos longos cabelos negros.

— Lindo, não?

— Que susto, Seu Pedro.

— Chegou nesta semana.

— É diferente...

— É um tríptico. Uma pintura com três partes.

— É Nossa Senhora?

— Sim. No meio está Nossa Senhora dos Aflitos confortando um sofredor.

— Ela é linda...toda azul.

— Do lado esquerdo, um desamparado implorando por consolo e, do lado direito, um pecador pedindo perdão.

— Os outros são muito escuros.

— Ela está no céu. Eles na terra.

— Ah...

— Você irá à reunião hoje, Tiffany?

— Sim, senhor. Vou assistir à missa também. Adoro a missa de sábado que tem música.

— Esse órgão é maravilhoso...

— Eu vou jantar, Seu Pedro. Depois volto para a reunião.

— Até logo mais, Tiffany.

Pedro ficou admirando os detalhes do tríptico e ouvindo o ensaio da organista. A entrada de dois meninos vestidos com túnica branca e vermelha levando os paramentos ao altar desviou sua atenção. Estavam concentrados em suas tarefas e mal levantavam a cabeça. Pareciam gêmeos. Assim que deixaram os objetos sagrados sobre a toalha branca, saíram em passos rápidos e silenciosos.

Pedro voltou os olhos para o tríptico, e as amargas memórias da infância retornaram vívidas. O cheiro das velas, a fumaça do incensário, o toque de seda da túnica, a doçura dos hinos e a monotonia das palavras do sacerdote.

Gostava de ser coroinha. Os amigos da rua zombavam. Diziam que ele seria padre, que nunca se casaria. Ficava ofendido e até chorava. Em casa, a mãe o consolava. “Não fique triste, Pedrinho. Esses moleques são uns brutos”. Ela o abraçava e ele adormecia no calor de seu colo. Ela passava a mão em seus cabelos e beijava o seu rosto. “Meu menino abençoado”.

Nas missas de domingo, ele se sentia bem. Quando estava no altar, via a felicidade no rosto da mãe na primeira fila. Ele a amava e fazia de tudo para confortá-la. Sabia quanto ela estava sofrendo com a doença do pai. Durante a comunhão, ele segurava o prato sob a hóstia e podia

admirar de perto a sua beleza quando ela levantava o véu para receber o corpo de cristo. Era a mais bonita de todas as mães, e somente sua.

O sacristão adentrou para conferir se estava tudo certo, o órgão silenciou, e as lembranças voltaram como uma pesada sombra. Nunca poderia apagá-las. Eram parte de sua vida e tinha aprendido a conviver com elas. A sensação da mão grossa alisando seu frágil pescoço, a barba áspera ferindo seu delicado rosto e o asco dos braços peludos e suados roçando sua pele.

Queria ter contado à mãe. Ela o protegeria. Mas o pai estava em estado terminal, e não podia aumentar o sofrimento dela. Depois que ele morreu, mudaram-se para outro bairro e aquilo tudo acabou, mas não passou.

Quando voltava à velha casa para visitar os avós e iam à missa, tudo retornava. Sentia-se incomodado, principalmente ao término da celebração. O padre vinha cumprimentá-los e fazia questão de dizer para sua mãe que Pedrinho estava se tornando um lindo rapaz. Aproveitava-se da situação e passava aquela mão suada e pesada em seu rosto.

Na juventude, ainda voltou algumas vezes ao antigo bairro, apenas por nostalgia, pois os avós já tinham falecido. Um dia, tomando cerveja com um amigo de infância que também havia sido coroinha, ficou sabendo que o velho padre tinha morrido. “Dizem que foi de AIDS”, comentou o amigo. Ambos ficaram em silêncio, apenas olhando para os copos vazios.

Pedro foi estudar Teologia para satisfazer o desejo da mãe, depois se formou também em Psicologia. Todos os

sábados, depois da missa das sete, coordenava a reunião de apoio psicológico e espiritual oferecido pelo Mosteiro da Luz. Exercia aquela atividade voluntária em parceria com uma organização de assistência a vítimas de abuso sexual.

Tiffany era a mais jovem participante do grupo. Tinha apenas dezoito anos e frequentava as reuniões havia poucos meses. Era muito querida por todos, devido a sua espontaneidade e beleza pueris. Apesar das dificuldades por que tinha passado, era cheia de alegria e de sonhos. Ainda não se viam em seus olhos o amargor e a desesperança de quem é vítima recorrente do preconceito, da discriminação e da violência.

— São Paulo é uma cidade iluminada, alegre e cheia de vida. Diferente de Curral das Pedras, onde nem luz elétrica tinha — ela sempre dizia.

Também dizia que sentia muita saudade dos irmãos, de tomar banho de rio e de caçar pirilampos nas noites de verão. Nas reuniões, Tiffany não se privava de contar com detalhes o abuso que sofreu.

“Tudo começou quando mainha pôs aquele homem pra dentro de casa. Ele estava sempre bêbado. Andava com o facão dependurado na cintura e só arrumava confusão. Na primeira oportunidade, o demônio não perdeu tempo. Mainha tinha ido buscar água no açude enquanto eu debulhava milho. Ele me chamou pra dentro e trancou a porta. Corri pro quarto e ele foi atrás. Ali não tinha porta, mas mesmo se tivesse ele derrubava, estava possuído. Fui me afastando, me afastando e ele já veio abrindo a calça. Me catou num canto e fez o que tinha vontade. Fedia pior que

um bode. Esfregava aquele corpo imundo no meu, lambia meu rosto e babava no meu pescoço. Eu fiquei quieta só esperando aquilo tudo passar. Quando ele saiu, fui tomar banho no rio e fiquei demorando, chorando baixinho, até o sol vermelho se esconder.

Quando mainha chegou, perguntou o que eu tinha. Não disse nada e fui dormir. No dia seguinte, não consegui levantar da cama, estava com dor, tive febre e vomitava sempre que me lembrava daquilo. Ela queria me levar no médico, mas não fui. Quando melhorei, contei tudo. Ela não acreditou. Mostrei as marcas. Ela disse que tinha sido com os meninos que eu me esfregava no mato.

Uns dias depois, eu me banhava no rio quando o desgraçado apareceu. Queria fazer tudo de novo. Não deixei. Ele estava bêbado. Peguei uma pedra e mandei ele ir embora. Falou que eu dava pra qualquer um, que eu era uma bichinha e que ele agora era meu pai e ia comer a minha bunda quando quisesse. Tirou o facão e disse que me dava uma surra. Eu fiquei com muito medo. Tentei fugir, mas ele me cercou. Quando chegou perto, atirei o pedregulho. Pegou bem no meio da cara. Ele caiu pra trás e o sangue escorreu. Ficou ali, parado, estatelado no chão.

Corri pra casa feito uma louca. Mainha lavava roupa e me viu chegando desesperada. Eu matei ele! Eu matei ele! Contei tudo. Ela foi correndo para o rio e chamou ajuda. Ele foi para o hospital e ficou internado. Quando mainha voltou, me deu uma surra de chicote. Gritava que eu era a desgraça da vida dela. Que eu tinha parte com o diabo. Que eu era uma aberração. Fugi pro mato. Passei a noite

lá na beira do rio olhando os pirilampos até pegar no sono. Quando amanheceu, voltei pra casa e as minhas roupas estavam do lado de fora. A casa estava fechada e não tinha ninguém. Fiquei ali esperando e ninguém apareceu. Fiz uma trouxa e vim embora, para sempre”.

Na reunião daquela noite, o assunto principal foi o tríptico de Nossa Senhora dos Aflitos. Todos ficaram emocionados com a obra apresentada na missa, juntamente com o comovente concerto de órgão. Pedro sugeriu que os frequentadores relatassem o que sentiram vendo o quadro e com quem eles se identificavam. Tiffany logo disse que se via como o sofredor. Houve quem se assumisse como o pecador, mas ele também precisava de conforto. Houve até quem se visse como Nossa Senhora dos Aflitos, porque queria estar lá no céu ou porque ajudava muitas pessoas. Pedro, a pedido do grupo, revelou que também se identificava com o sofredor amparado por Nossa Senhora.

Terminada a reunião, cada um seguiu sua vida. Uns iriam trabalhar na noite, já que viviam da prostituição nos arredores do Parque da Luz. Outros voltariam para a Cracolândia, onde passariam a noite vagando pelas ruas atrás de uma pedra. Outros retornariam a suas casas mais fortalecidos para conviver com seus fantasmas. No sábado seguinte, talvez se encontrassem novamente em busca do conforto para suas aflições.

O domingo prometia. Era a final do campeonato. Logo que terminou o almoço, Vítor saiu dizendo que só voltaria à noite, campeão, claro. A mãe nem comentou. Não queria deixá-lo nervoso, pois desde cedo já estava ansioso e ela sabia

que, se dissesse alguma coisa, ele poderia se irritar. Melhor que ele fosse logo embora, que seu time ganhasse e que só voltasse à noite mesmo, quando ela já estivesse dormindo.

Vítor era um bom filho, porém de pavio curto. Uma palavra, uma atitude, um olhar de que ele não gostasse eram motivo para perder a cabeça. Antes de sair, deu um beijo na mãe, mas não se esqueceu de pegar o soco inglês.

Desde criança, o futebol foi a paixão de Vitor. Vivia com a bola no pé. Só ia à escola para jogar. Final de semana, estava no campinho. Canhoto e habilidoso, chutava forte e era muito voluntarioso. O pai o colocou em um time da várzea. E realmente ele se destacava. Começou jogando na lateral esquerda, mas sonhava com a camisa dez.

Seu Camilo, o treinador do time, gostava muito dele e o tratava de forma especial. Quando terminava o jogo, no vestiário, depois do banho, sempre pedia para o menino ficar mais um pouco.

— Vitinho, vem cá, senta aqui do meu lado — dizia Seu Camilo abraçando-o.

Enquanto se vestia, o treinador passava a mão em suas pernas finas e comentava:

— Você é um diamante bruto, precisa ser lapidado. Você tem muita alegria nessas pernas. Quer jogar no meio de campo?

Ainda que retraído, respondia.

— Quero, Seu Camilo...

— Você quer a camisa com o número 10 aqui atrás? — perguntava o treinador passando a mão em suas costas magras ainda nuas.

E-mail:
alcaretta@yahoo.com.br



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em fevereiro de 2024.
